

## **TRISTES PARTIDAS: A MÚSICA DE ELOMAR E A NARRATIVA DA DESRURALIZAÇÃO BRASILEIRA**

Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira<sup>1</sup>

Os momentos de solidão, tempos nos quais não reconhecemos as coisas que vemos, são atravessados por gestos de medo. O amedrontamento, ante o desconhecido, é estimulador de recordações. Muitas vezes procuramos no passado a companhia para uma caminhada solitária. O gestual, nascido da solitarização, estimula o aparecimento de narrativas. Em geral, são falas que traduzem um amplo esforço de organizar as fases vencidas da vida, buscando arquivar, em condições de serem lembradas, coisas, práticas, gentes. A reação ao moderno e as coisas novidadeiras, as falas estimuladas pelo medo de ficar só, são, em si, marcas de algo que está sendo esquecido.

O poeta Thiago de Melo considera que as palavras precisam de registros quando desaparecem do cotidiano, são as sombras do esquecimento que provocam a necessidade do registro, a urgência de guardar o que sumiu do cotidiano e deixou de habitar “o coração do homem”. Guardar em dicionários, em muitos casos, é indiciário de sumiços e desaparecimentos: uma epifania às avessas:

Fica proibido o uso da palavra liberdade,  
a qual será suprimida dos dicionários  
e do pântano enganoso das bocas.  
A partir desse instante  
a liberdade será algo vivo e transparente  
como um fogo ou um rio  
e a sua morada será sempre  
o coração do homem.

As narrativas entoadas em momentos de solidão e perigo são cantos saudosos, falas que objetivam inscrever em livros de memória um viver em fragmentação. Trazem nas suas páginas vozes silenciadas ou, em silenciamento, marcas dos apagamentos e os protocolos de inscrição. Acessar os arquivamentos é uma forma de surpreender o ágil movimento do risca/apaga, um trabalho de diálogo com os elementos que lembram e esquecem. O objetivo desse texto é interpretar a canção de Elomar em contradição com

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de teoria da história da Universidade do Estado da Bahia/Campus de Alagoinhas.

os nervosos anos de modernização do mundo rural nordestino, principalmente no período imediatamente posterior à instalação da Ditadura Militar e as perspectivas delineadas pela integração do Sertão no projeto modernizador. Elomar, guardador de palavras, de tradições, de práticas; marcas, pegadas dos silenciamentos.

Um dos projetos modernizadores deveria se implementado pela SUDENE. Foi Chico de Oliveira (1997) quem disse: a SUDENE não se preocupou, durante a ditadura, em desenvolver o Nordeste, mas em desenvolver o capitalismo. Em aprimorar as relações de produção no campo de maneira que a mais-valia pudesse ser extraída em maior quantidade. Nesta mesma perspectiva João Cabral (2013, p. 56) falava “Dr. Sudene, sujeito fabuloso, do Recife ou do Rio”, que “mandava de longe”. Para o poeta pernambucano a sombra do doutor, - que poderia ser um engenheiro, e que se que se constituía em uma ameaça para as funções de farinhadas-, poderosa, se espalhava sobre a mítica casa de farinha e as atividades desenvolvidas em volta dela. Como uma máquina, um disco voador, um armado Zepelim, o sombreamento ameaçava a tradicional atividade silenciando o som das desmanchas.

Os dois, a instância administrativa e o fabuloso sujeito, não chegaram sozinhos. No surrão mágico vieram outras gentes importantes. Chegou o gerente de banco e seus empréstimos generosos, o “Doutor pasta pura”. Também chegaram agrônomos cheios de ideias, os “Doutores sabe-tudo”. Veio o tabelião, “O professor título de propriedade”, camarada gentil que transformava extensões de terrenos em mágicas letras escritas. A juntada de tanta gente sabida em um mesmo território provocou impactos, sugeriu mudanças e indicou o aparecimento de novas paisagens. Sobre o “crestado nordeste”, desde muito inundado por ondas discursivas que tecia loas a seca, ao cangaço, ao atraso, deveria ser erguida uma Nova Canãa, terra prometida do progresso.

O “Doutor pasta pura” circulava em cima de dinheiro relativamente fácil, chefiava carteiras vitaminadas por projetos de investimentos. Dinheiros de BIDs e FMIs intermediados por BNBs, capital para tirar o Nordeste do atraso. Na pasta, vazia de grana, vinham ideias de projetos, financiamentos variados. Uma hora podia ser uma cerca, outra uma melhorada na casa, mais adiante a construção de uma aguada e, quem sabe, a compra de um trator subsidiado por bondosos vizinhos do Norte. Com o tempo um pedaço da roça podia virar pasto e a maior parte incorporada à cultura mais

indicada, podia ser qualquer uma. Na pasta vazia deveria circular, ao depois, fatura de promissórias para serem pagas.

“O professor título de propriedade” já existira antes dos governos militares, mas naqueles anos dramáticos a sua figura foi multiplicada pelo sertão, afinal era necessário demarcar terras, marcar em letras cartoriais o que antes era resolvido na tradição. Na paisagem sertaneja marcada por represas, tratores e variado maquinismo, tudo poderia mudar. Pedras de rumo, árvores centenárias e conversas de velhos deveriam deixar de servir como referência, agora seriam cercas. As terras não deveriam ser medidas pela possibilidade de exploração, mas pelas extensões, pelas quantidades de metros e, claro, por servirem de aval para tomadas de empréstimos.

O “Doutor sabe-tudo” também não foi um tipo novo, formado em escolas de agronomia, dominante de modernas técnicas, ela já circulara pelo sertão. Agora vinha em maior quantidade, trazia o saber para terras ignotas, questionava os plantios tradicionais, higienizava antigas práticas. Manuseava sofisticada aparelhagem para falar de chuvas e secas. Paladinos do desenvolvimento do sertão propuseram, com muitos outros profissionais, um alentado esforço para regionalizar a economia. Para isso, dividiram, planejadamente, a paisagem sertaneja em lugares para produção de coisas: aqui se planta algodão, ali feijão, aculá melancia, mais adiante sisal. Nas lonjuras? A mandioca. E pastos, e capins, e bois.

Brincando com Michel Foucault, afirmo que um enunciado começava a circular pelo sertão, um enunciado que viera com força, montava os ligeiros cavalos das companhias de eletrificação erguidas pelo progresso desenvolvimentista, era chamado de Progresso. Cavalos adornados com laços de maquinismos velozes, predicativos importantes. Eram coisas que falavam com gentes e se esforçavam para adestrar braços e cabeças. Os bons animais também falavam em educação, cultura, consumo, televisão, progresso. Os dois, cavalaria e adornagem, clamavam, como Conselheiro Beato às avessas, por um sertão de avanços e avanços, luzes, máquinas, pressas.

O progresso monocultor chegava ao sertão, viera bem acompanhado e, seguindo o conselho de Guimarães Rosa: armado. Para substituir a oralidade de marcas de rumo, chegou com cercas e registros de imóveis. Velozes agrimensores e suas correntes mapearam terras da tradição. A economia incrementada por dinheiros ofertados, “laranja madura”, trouxe juro nervosos, cobradores de outras temporalidades. Novas

culturas rasgaram paisagens, escreveram outros horizontes, riscaram caminhos diferentes. Máquinas e maquinismos redimensionaram temporalidades e produziram outros ritmos, abarcaram terras diferentes.

Mundo novo, tempo de partidas. Uma variada gama de gentes caiu na lapa do mundo, “lapa do mundão de Deus”. Walter Benjamin sempre me lembra que o narrador se alimenta de lonjuras, a sua narração é feita de afastamentos, de coisas distanciadoras. Não esqueço nunca, porém, o longe não significa, necessariamente, o afastamento da terra, o distanciamento pode ser exclusivamente temporal e o tempo, demonstram os historiadores, pode ser simultâneo, pode desenvolver-se mais de um em mesmo espaço, somente com ritmos diferentes. Coevos, sujeitos e mudanças podem manifestar estranhamentos e gerar narrativas de distanciamentos, como se vivessem em lonjuras abissais.

As transformações “istuciadas” pelo Doutor Sudene e seus pares: a modernização das lides rurais e a regionalização planejada do torrão Nordeste geraram marcas sobre o sertão, modificaram, como não poderia deixar de ser, a paisagem rural de maneira significativa. Outros usos apareceram, tratores e outras máquinas tomaram postos de braços, sem trabalho gentes e gentes pegaram caronas em carros que corriam para as estradas do Sul, sobre as rodas borrachudas foram procurar alternativas de vida. A vida no campo, principalmente no intervalo dos anos de 1970 e 1980, experimentou forte recuo demográfico, esvaziando recanto, ameaçando sociabilidades.

Na roça mudada, alguns sabiás entoaram cantos de resistência, enquanto outros bateram asas e voaram para o longe. Gostaria de tratar dos primeiros, mais precisamente de falar de um deles. Refiro-me ao músico, e arquiteto, Elomar Figueira de Melo, sertanejo de Vitória da Conquista-Ba, nascido em 1937 e coevo dos sucessos de Doutor Sudene e companhia. Meu olhar poderia se estender por toda a narrativa elomariana, mas, por questão de espaço falarei apenas de dois cantos: “Chula no terreiro” e “Arrumação”, ambos de 1978, lançadas no LP “Na quadrada das águas perdidas”<sup>2</sup>. Recordo que àquela altura, fim da década de 1970, a organização do mundo rural, projetada por pastas-puras e sabes-tudos, já se fizera sentir sobre a paisagem, era tempo de viagens, tempo de muitos tempos encharcando cantos e cantorias.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.elomar.com.br/discografia/naquadrada.html> Acesso em 21 de ago de 2014.

Enquanto encharcava também silenciava, o título da primeira música é indicador das quebrações criadas por partidos e partidas. *Chula*, gênero musical de origem africana, *malunga* do samba de roda, cobra muitos participantes, exige segundas vozes, pede dançarinos de pés velozes, conta histórias do labutar cotidiano. Não é coisa que se cante sozinho, não deve aludir ausências de cantadores. *Terreiro*, coisa de casas antigas, lugar de brincadeiras, espaço de sociabilidade. No acelerar moderno, os *terreiros* perdiam sentido, excesso de terreno, cediam lugares a incrementados quintais, eram coisas destinadas ao esquecimento, ao silenciamento. Como as *chulas* cantadas a única voz, também os antigos recantos de casas caminhavam para o limbo.

Reclamando contra aquele tempo que fazia desfazer coisas antes sólidas, protestando ante uma velocidade distanciadora de gentes e memórias, o poeta encantou-se em tabelião, não dos da safra de “Professores títulos de terras”, e sim dos que fazem inventários. Não inventários cheios de dados e respostas, mas dos que começam com perguntas. Interrogações vindas dos sentimentos e que buscavam preencher pontos em branco da memória constituam a base do levantamento animado pelo trovador do rude sertão, uma perguntação que queria parceiros para animadas *chulas*:

Mas cadê meus cumpanhero, cadê?  
que cantava aqui mais eu, cadê?  
Na calçada no terreiro, cadê?  
Cadê os cumpanheiro meus cadê?  
Cairo na lapa do mundo, cadê?/ lapa do mundão de Deus, cadê?<sup>3</sup>

No entanto eles não estavam por perto, pela “lapa do mundo” andavam, daí porque não repostavam a cantiga doída de saudades. Viajavam nos modernos cavalos de força em busca de um cantinho para trabalhar. Perguntador de parceladas, Elomar avançou uma pouco mais na pesquisa, rebuscou pelos escaninhos da memória os caminhos seguidos pelos *malungos*, como um atento vaqueiro tentou achar, pelos rastros, os parceiros desaparecidos. Desse trabalho e do fundo da alma surgiu um nome e uma história:

---

<sup>3</sup> MELO, Elomar Figueira de. *Chula no terreiro*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/259672/>  
Acesso em 22 de ago de 2014.

Mas tinha um qui dexô o qui era seu  
Pra i corrê o trêcho no chão de San Palo  
Num durô um ano o cumpanhêro se perdeu  
Cabô se atrapaiano com a lua no céu  
Num certo dia num fim de labuta  
Pelas Ave-Maria chegô o fim da luta  
Foi cuano ia atravessano a rua  
Parou iscupiu no chão pois se espantô com a lua  
Ficô dibaixo das roda dos carro  
Pu riba dos iscarro oiano prá lua, ai sôdade<sup>4</sup>.

“Correr trecho”, ainda que tendo o que era “seu”, é sintomático da vida do pequeno agricultor, do sujeito que se equilibrava nos extremos da vida Severina e duelava, diariamente, com os efeitos de secas ou muitas chuvas. A imagem é indicadora/denuncia de que nem todos os rurícolas foram bafejados pela generosidade das ações cabaladas pela ideiação do Doutor Sudene, apenas fazendeiros mais abastados tiveram seus pastos inundados por águas de açudes ou invadidos por tratores doados por programas internacionais.

Inventariando gentes, o poeta também falava de coisas, recordava que no sertão afetado por mudanças, as estradas negras de asfalto tornaram mais próximo o sonho bandeirante. Atraídos pelas cidades, seduzidos pela beleza flamejante de luzes bonitas muitos sertanejos deixavam a terra para tentar melhorar a vida no trabalho de trecho, coisa periódica que, talvez, permitisse voltar ao rancho original. O deslocamento para urbes, ainda que por um tempo, cobrava seu tributo de sangue, Raimundos e Severinos ficavam na viagem, mortos pelas bocas vorazes da selva de pedra não entoavam mais o cantar de *chulas* pelos terreiros do sertão.

Alguns foram para voltar, mas a “a lapa do mundo” era voraz e não deixava isso acontecer. Além de voraz, deslocava-se pelo próprio sertão, não era necessariamente uma coisa distante, não falava de lonjuras esquecidas. Ao longo da peça musical o poeta vareja por outros sujeitos, aponta outras formas da faminta figura da “lapa” consumir cantadores de terreiros e calar as cantorias rurais de antanho:

Mas tinha um qui só pidia qui a vida fôsse  
U'a função noite e dia qui a vida fôsse  
Regada cum galinha vin queijo e doce

---

<sup>4</sup> MELO, Elomar Figueira de. *Chula no terreiro*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/259672/>  
Acesso em 22 de ago de 2014.

Sonhano a vida assim arriscô mêrmo sem posse  
Dexano a vida ruim intão se arritirou-se  
Levou-lhe um ridimúim e a festa se acabou-se, ai sôdade<sup>5</sup>.

Distinta da festa nascida do labor, objeto frequente de elogios do poeta, a “função” existente por ela só não se sustenta. Sonhar sem trabalhar, “devotar sem obrigar”, não faz camisa. Daí, certamente, a necessidade de “arriscar mesmo sem posse”, pegar, com algum diligente “Pasta-pura”, um empréstimo para prolongar a alegrias em festas e cachaçadas, jogar com a sorte sem fazer o respectivo lastro de trabalho. O veloz redemoinho da tristeza, a impossibilidade de pagar, a vergonha de ser feito devedor, a “lapa” muda de rosto, mas leva gente, sempre. Leva, inclusive, gente que não acessa diretamente o sistema de creditação, é como pode ser entendido o caso do desaparecido vaqueiro Antenoro:

E mais cadê aquele vaquêro Antenoro  
Cum seu burro trechêro e seu gibão de côro  
Esse era um cantadô dos bem adederente  
Cantano sem viola alegrava a gente  
No ano passado na derradêra inchente  
O Gavião danado urrava valente ai sôdade  
Chegô intão u'a boiada do Norte  
O dono e os vaquêro arriscaro a sorte  
O resultado dessa travissia  
Foi um sucesso triste, Virge-Ave-Maria  
O resultado da bramura foi  
Qui o ri levô os vaquêro o dono os burro e os boi ai sôdade<sup>6</sup>.

Talvez seja o caso de requisitar mais um poeta para trabalhar a imagem acima com mais vagar. Dessa feita convoco Luiz Gonzaga, que gravou, em 1980, um belo xote composto por José Clementino e Hidelito Parente. A letra da música, com fina ironia, brincava com os financiamentos feitos para comprar boiada, peças que no mais das vezes comprometia todo o trabalho dos criadores, levando os bois a lembrarem sempre, aos seus condutores, quem eram os verdadeiros donos:

Eu sou do banco, do Banco do Brasil.  
Do Banco do Nordeste, cabra da peste.  
No Ceára eu sou do BEC.

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

Mas em Pernambuco sou do BANDEPE.  
BANDEPE, BANDEPE, BANDEPE, BANDEPE<sup>7</sup>.

A velocidade das novas eras criara o ingresso do boi na fase da industrialização da carne, como lembrava o poeta Eurico Alves (1989, p. 410). Metaforizado em mercadoria, o bovino precisava de transporte rápido. No caso em apreço, deve ser acrescentado a velocidade de juros ligeiros, coisa que corria em bancos e não respeitava o passo tardo de bois e boiadeiros. O “dono e os vaqueiros” do “Norte” estavam premidos por pressas alheias, outras temporalidades impulsionavam-nos pelos caminhos poeirentos do estado Sertão. Nessas circunstâncias, o saber sobre travessias podia, também, ser desrespeitado, do outro lado do Rio Gavião, impacientes, aguardavam juros e juros, coisa que não liga a mínima para ciências nascidas da experiência popular. A “lapa do mundo” aparecia travestida de pressa.

A figura mítica, evocadora de lonjuras existia, podia surgir nas esquinas da selva de pedras ou em ciumenta punhalada, mas não espantava a memória para o fim do mundo. Na perspectiva da escrita elomariana o que chegava com os ventos da modernidade e tangia cantadores para um longe estranho não invadia o reino do fantástico, ficava longe de atravessar as fronteiras da oralidade:

Derna dintão Antenoro sumiu  
Dos muito qui aqui passa jura qui já viu  
Na Carantonha, na serra incantada  
Pelas hora medonha vaga u'a boiada  
O trem siguino um vaquêro canôro  
A tuada e o rompante jura é de Antenoro  
Ah, ah, ah, ah, ê boi  
Ê ê boi lá ê boi lá ê boi lá<sup>8</sup>.

O aboio dorido que encerra a música, escolha imagética para esconjurar o esquecimento e apagar os efeitos da “lapa do mundo”, apresenta a oralidade como registro de resistência à morte branca do deslembrar. No falado e no narrado, nas horas escuras das meias-noites, nas assombrações de estradas escuras, a memória resistia, a

---

<sup>7</sup> GONZAGA, Luiz. *Eu sou do Banco*. Disponível em <http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/1461436/> Acesso em 22 de ago de 2014.

<sup>8</sup> MELO, Elomar Figueira de. *Chula no terreiro*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/259672/> Acesso em 22 de ago de 2014.



voz calada do oráculo fazia-se ouvir surdamente, talvez como o velho Timbira, “meninos, eu vi”. Os versos finais também desenham um pequeno mapa, indicam a Serra da Carantonha, assim como o Rio Gavião, como lugares do lembrar, pontos de uma cartografia do estado Sertão.

Um estado que começava, e terminava, pelos caminhos da oralidade, um estado proseado. Como é coisa de se falar, a reconstrução dos caminhos do Rio Gavião cobrava, para além da denúncia do que chegava, a elaboração de uma linguagem sonora, de uma fala aprendida de ouvido nas desmanchas de mandioca ou nas histórias de vaqueiros. Conversa capturada enquanto coisas eram feitas. Na construção da toada “Arrumação”, o referencial daquilo falado e cantando na faina do fazer cotidiano aparece como um fio narrativo de refazimento do chão em desconstrução pela avançada moderna:

Josefina sai cá fora e vem vê  
Olha os forro ramiado vai chuvê  
Vai trimina reduzi toda criação  
Das bandas de lá do ri gavião  
Chiquera pra cá já roncô o truvão<sup>9</sup>.

A abertura da música maneja palavras que falam de coisas, pequenos vocábulos significadores da experiência do mundo rural sertanejo. Os “forro ramiado”, nuvens baixas e fechadas é o anúncio da chuva chegada, foi, também, uma imagem usada como representação de uma tradição quase tão antiga quanto o próprio sertão: as predições de chuvaradas. Longe de ser uma “ciência rústica”, o sistema de previsões surgiu das relações de experiência do trabalhador rural com o meio, da observação constante da natureza, da leitura do livro mundo. Olhando uma roça como se fosse uma circumspecta enciclopédia, o sertanejo criou um amplo cabedal de saberes; formigas, cavalos, flores, plantas e nuvens traziam nas suas manifestações as indicações, quase exatas, da chegada das quadradas das desejadas chuvas.

Acrescente-se que esse arsenal de conhecimento era transmitido oralmente, nos tratos entre as gerações, nas observações nascidas de manhãs de palestras. Como

---

<sup>9</sup> MELO, Elomar Figueira de. *Arrumação*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/173829/> Acesso em 22 de ago de 2014.

tradição oralizada, sem registros escritos, a manutenção dos espaços de socialização de jovens e adultos deveria ser, também, a garantia de circulação dos cabedais de sabedorias nascidos da experiência. Porém, sobre o Vale do Rio Gavião erguia-se a sombra esbranquiçada do esquecimento, jovens “corriam trechos”, fugiam de casa, partiam para as grandes cidades. Gentes que virariam suco no chão de São Paulo e não teriam como passar adiante a forma de ler a natureza.

Natureza que falava, natureza que era a articuladora da relação temporal do homem. Quando o céu de azul escuro sugeria chuva, era hora de “reduzir” as “criação”, pois uma parte da terra deveria ser usada para a plantio. “Reduzidos”, bodes e carneiros seguiam para fechos (gado miúdo, mais sujeito a ataque de bichos e por isso “criados” com cuidados); eram isolados dos lugares potencialmente usados em plantios, muitas vezes poderiam até ficar em currais para receberem alimentação das mãos dos criadores. A noção de “redução” é indicadora de uma terra com mais de um uso, ainda não atravessada pela histeria regionalizadora, ainda sem abundância de cercas e nem a ditadura do produto único. Uma terra para muitos usos:

Mãe Prurdença inda não cuiuiu o ai  
O ai roxo dessa lavora tardã  
Diligença, pega pano e com balai  
Vai cum tua irmã, vai num rumo só  
Vai cuiê o ai, o ai da tua avó<sup>10</sup>.

“Cuiuiu”, “ai”, “balai” são sínteses do falar rural brasileiro, especialmente o falar dos sertões, um português amoldado às curvas do caminho, uma linguagem que apara eventuais “a mais” para ser tornada mais comunicável, mais adaptada aos sotaques regionais. Falante da norma culta, o poeta certamente escolheu o português rural como instrumento de registro de uma fala que sentia nas ilhargas a dolorosa chegada do fim, ou pelo menos a socialização do modo citadino que chegava por aéreas ondas de rádio e que ensinava o “certo”.

Isso provavelmente se entendia sobre outro velho hábito rural/sertanejo, o de chamar os pais dos pais de “pai velho, mãe velha”. Esse recurso indica proximidade espacial e intimidade cotidiana, sugere um viver comunitário, uma organização que ainda não enfrentara as partidas e que as criações se davam em volta dos mesmos

---

<sup>10</sup> MELO, Elomar Figueira de. *Arrumação*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/173829/> Acesso em 22 de ago de 2014.

lugares. “Avô” e “avó” não eram expressões suficientes, era preciso demonstrar mais proximidade. No caso da escolha do poeta o nome vem acrescentado de Mãe, não é uma mais qualquer, é mãe duas vezes.

Uma terra pensada coletivamente, com usanças de diferentes gentes. A velha avó a usava para plantio fora de época, maneira segura de aumentar o rendimento decaído pela força da idade. Talvez o passar dos anos também causasse atrasos na colheita, mas isso não era problema. Naquele espaço de gentidades, o trabalho era coletivo; jovens e velhos ombreavam-se para retirar do chão bruto o sustento familiar. As “tardãs” ponteavam como o signo de uma forma de trabalhar a terra, algo como junto e misturado, algo que explorava as menores brechas para manter firme os laços comunitários, laços que dependiam da criativa tecnologia rural:

Futuca a tuia, pega o catadô  
Vamo planta o feijão no pó  
Futuca a tuia, pega o catadô  
Vamo planta o feijão no pó<sup>11</sup>.

Os versos do refrão, poderosos, atravessam o dicionário elomorianiano com força, recriam tecnologia e falam de saberes, lembram de esquecimentos. A “*tuia*” remete ao hábito de conservar o feijão no chão, entre camadas de areia e cinza. Tecnologia barata que cobrava apenas um pouco de barro para forrar o fundo do depósito, mas tecnologia que entrara em perigo com o barateamento de materiais de zinco e sua popularização pelo sertão. Os “depósitos”, comumente feitos por ciganos, vieram para extinguir “tuias” e, principalmente, calar o saber que as originara.

Coisa semelhante também aconteceria com o *plantio de feijão no “pó”*, estratégia agrícola garantida por intrincados saberes sobre chuvas e por arraigada prática religiosa, mas que sentia o peso das novidades trazidas na cauda dos ventos modernizadores. Por constantes vistorias, técnicos bem informados traziam as novas de saberes agrícolas: auscultavam solos em demanda de minerais, indicavam químicos adubos, falavam de defensivos perfeitos. Mais ainda, sementes de retorno precoce. Plantar e colher eram submetidos ao tempo veloz de mercados sedentos, agenciados pela pressa de juros e pela sabedoria das empresas de extensão.

---

<sup>11</sup> MELO, Elomar Figueira de. *Arrumação*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/173829/> Acesso em 22 de ago de 2014.

Saberes velhos cediam lugar a técnicas modernas, conhecimentos oralizados perdiam espaço para coisas vindas de manuais, outros tempos eram espalhados pelo vento sertanejo. Aprendizados sólidos como pedras, coisas que falavam de plantios, curas de bichos, tratos com animais, previsões de chuva, agora estavam sendo ameaçados pela sombra silenciadora erguida pela modernização agrícola. Como uma estranha metáfora, práticas que habitavam o coração do sertão, e sua memória, desapareciam de um cotidiano animado por pressas variadas: um tempo de desamor pelo que erguera a paisagem sertaneja.

“Narciso acha feio o que não é espelho”, ausente do coração é o mesmo que afastado da memória, não se ama aquilo o não reconhecível, é impossível criar querência pelo estranho. Naqueles anos de 1970, Elomar e sua narrativa assistiam, algo assombrados, a desaparecimento do mundo sertão, um vasto universo de práticas e trabalhos que sumiu pisoteado por borrachudos pés de modernos veículos. Tratores, caminhões, velozes caminhonetes substituíam trabalhos de muitas gentes e silenciavam o canto triste do aboio. Cercas tornavam desnecessários os valentes vaqueiros, modernos currais, e seus troncos, acabavam com festas de ferra.

As falas, em geral, possuem uma relação direta com o silêncio. Enquanto soltas no ar pretendem recobrir um branco. Na emissão, buscam responder com conjuntos de sim a expansão de elementos negadores, movimentando-se em catingas do não a discursividade tenta delinear-se pela veloz distribuição de elementos afirmadores, falam de coisas mortas entre outras, tão vivazes. A mudança de suporte, o gesto de retirar palavras de ouvir e transformá-las em coisas de serem lidas, indicam uma reação de diante da hegemonização de outros códigos, a imposição de um léxico estranho nas paragens sertanejas.

A construção de um dicionário é o reconhecimento de que as palavras foram silenciadas do cotidiano. Longe da vida tratada, a dicionarização tenta preservar a vida alguns sintagmas do esquecimento, junto resguarda as práticas geradoras dessas palavras. Elomar escolheu narrar um mundo em fragmentação por meio de palavras e sotaques em desuso, operou uma narrativa elaborada a partir do ouvir, uma socializou cantigas que ouvira em rodas de trabalhos, encontros de rezadeiras, pegadas de boi, caminhadas de tropeiros. As opções léxicas denunciavam uma solitarização do cantador, a percepção que chegara um tempo em que não teria ouvidos para ouvi-lo.

A narração é um grito de alerta diante da desruralização do mundo Brasil, um duro soluço contra a trituração do mundo moenda. Não era mais tempo de desmancha, agora ´tempo era presidido por avançadas modernizadoras, por modernagens. Restava ao narrador, que não mais ouvia, entoar o canto forte e registrar os dolorosos rasgos que eram feitos na paisagem. “Menino bezerro pisado, no curral do mundo a penar”, o sertanejo procurava nas palavras silenciadas uma forma de salvar o mundo rural do esquecimento.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador  
BOAVENTURA, Eurico. Fidalgos e vaqueiros. Salvador: EDUFBA, 1989, p. 410.  
GONZAGA, Luiz. *Eu sou do Banco*. Disponível em <http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/1461436/> Acesso em 22 de ago de 2014.  
MELLO, Thiago de. *Os estatutos do homem*. 3ª edição. Cotia: vergara e Ribas Editora, 2011, p.59.  
MELO, Elomar Figueira de. *Arrumação*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/173829/> Acesso em 22 de ago de 2014.  
MELO, Elomar Figueira de. *Chula no terreiro*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/259672/> Acesso em 22 de ago de 2014.  
MELO, Elomar Figueira de. *Chula no terreiro*. Disponível em <http://letras.mus.br/elomar/259672/> Acesso em 22 de ago de 2014.  
NETO, João Cabral de Melo. Notas sobre uma possível A casa de farinha. Rio de janeiro: Objetiva, 2013, p.56.  
OLIVEIRA, Francisco. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.102.